

O USO DA TÉCNICA DO ACORDELADO INDÍGENA EM PROCESSOS DE APRENDIZAGEM SENSÍVEL: A EXPERIÊNCIA DO GABINETE DE ARQUEOLOGIA/UENF

PAULA OLIVEIRA DE SOUZA

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), Campos dos Goytacazes,
Rio de Janeiro, Brasil

SIMONNE TEIXEIRA

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), Campos dos Goytacazes,
Rio de Janeiro, Brasil

JÚLIA ERMÍNIA RISCADO

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), Campos dos Goytacazes,
Rio de Janeiro, Brasil

RESUMO: Este trabalho relata os processos de criação, execução e avaliação da oficina pedagógica para produção de cerâmica dos povos indígenas com a técnica do acordelado, realizada em março de 2024, dentro do Gabinete de Arqueologia localizando-se na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), Campos dos Goytacazes/RJ. Além da produção estimular discussões sobre a temática, buscou incentivar novas práticas pedagógicas e diversificar as abordagens no ambiente escolar nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Dessa forma, trata-se de um relato da experiência da oficina desenvolvida com professores e licenciandos em Pedagogia (UENF), utilizando a observação direta e a aplicação de formulário com os participantes ao final da atividade. Por meio da análise de dados, foi possível observar a efetividade daquele espaço na proposição de práticas pedagógicas mais atentas às necessidades dos ambientes educacionais atuais.

PALAVRAS-CHAVES: Cultura Indígena; Cultura Material; Lei n. 11.645/2008; Formação Continuada.

INTRODUÇÃO

Este relato de experiência é o resultado de uma parte do meu mestrado em Políticas Sociais realizado na UENF, em que pesquisei o entrelaçamento das temáticas da Arqueologia Pública, Educação Patrimonial e o Gabinete de Arqueologia, uma reserva técnica visitável. O Gabinete se localiza em uma sala no Centro de Ciências do Homem – CCH, que atualmente comporta artefatos arqueológicos pré-coloniais e históricos, sendo eles reunidos ao longo dos últimos 20 anos, resultados da concentração dos trabalhos referentes ao Grupo de Pesquisa Oficina de Estudos do Patrimônio Cultural¹.

A referência feita aos Gabinetes de Curiosidades, comuns nos séculos XVI e XVII, em que eram armazenados objetos considerados raros, geralmente constituídos por meio de pilhagens, propõe um contato atualizado sobre os artefatos disponíveis no espaço recém-criado. Portanto, o Gabinete de Arqueologia, vinculado ao GP Oficina, é

caracterizado com um espaço não-formal de aprendizagem (Jacobucci, 2008). Abrigado em uma Instituição de Ensino Superior, o Gabinete propõe uma dimensão alternativa às ações educativas, explorando métodos e recursos pedagógicos.

O acervo que compõe a reserva técnica visitável conta atualmente com 1.259 artefatos coletados em prospecções de superfície durante a realização de projetos de pesquisa e/ou trazidos por membros de comunidades vizinhas. A tipologia dos materiais foi classificada em: 1) Arqueologia Pré-Colonial, composta por fornos, material malacológico, lítico, cerâmica de Tradições Una e Tupiguarani, carvão; e 2) Arqueologia Colonial: chumbo, louças históricas, ossada animal, remanescentes humanos, ferro, telhas, tijolos e vidros. O trabalho de acondicionamento foi iniciado em outubro de 2022 por uma das autoras, ainda de forma voluntária. O rearranjo da coleção somente foi possível a partir da cessão de uma sala para sua guarda e com a elaboração do inventário do acervo orientado pelos pressupostos de Maria Inês Cândido (2006).

Em vista das características descritas anteriormente, o Gabinete é considerado como uma reserva técnica visitável, oferecendo inúmeras possibilidades de uso e de atratividade aos visitantes, com particular destaque às peças de cerâmica das Tradições Una e Tupiguarani. Foram tomados como referência para o espaço em questão os trabalhos na reserva técnica visitável do Laboratório de Arqueologia Peter Hilbert, vinculada ao Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá (Pereira, 2017). Trata-se de um projeto que desenvolve diversas ações de promoção e aproximação do público com a cultura material, com destaque para atividades socioeducacionais, como exposições interativas com peças arqueológicas.

A partir da identificação de um interesse em específico sobre os artefatos cerâmicos das Tradições Una e Tupiguarani foi desenvolvida a primeira oficina pedagógica com a aplicação da técnica do acordelado indígena na confecção de cerâmicas com Professores/Licenciandos. Esta escolha ocorreu em razão dos diálogos realizados com pedagogas atuantes no município de Campos dos Goytacazes/RJ, quando foram expressadas as dificuldades em trabalhar sobre a temática indígena dentro de suas salas de aula, bem como o manuseio de novas formas de se trabalhar, além da utilização do livro didático.

Ademais, a oficina pedagógica teve como embasamento teórico outros trabalhos (Schindhelm, Bampi, 2024; Azevedo, Scheel-Ybert, 2021; Schiavetto, Bernardes, Carvalho, 2021; Teixeira *et al.*, 2021) que buscaram consolidar práticas pedagógicas para a construção e incorporação de novos saberes e manifestações culturais dos povos originários no processo ensino/aprendizagem. Com isso, o referente relato de experiência buscou exemplificar e suscitar discussões acerca da temática supracitada, assim como incentivar a utilização da técnica no ambiente escolar nos anos iniciais do Ensino Fundamental, evidenciando a arte ancestral no manuseio do barro que compõem a chamada cultura material, para que os professores/licenciandos de Pedagogia possam ressignificar o que aprenderam na oficina em sala de aula, contribuindo com a ampliação da história local e o entendimento das práticas culturais dos grupos originários em prol do fortalecimento da Lei 11.645/2008².

Os participantes foram convidados previamente por meio de aplicativo de mensagem (*Whatsapp*), bem como de texto explicativo divulgado em um grupo de

professores formados e licenciandos do curso de Pedagogia da UENF. Quatro profissionais demonstraram interesse e foram individualmente contactados (via *e-mail*) para detalhamento de informações necessárias à realização da atividade. Foi orientado aos participantes que levassem colheres, facas (sem ponta) e garfos. O material necessário (tecidos, barro, copo plástico e escovas de dentes) foi disponibilizado pelo Gabinete de Arqueologia.

No dia 14 de março de 2024, a oficina foi realizada em 2 horas e 30 minutos, sendo dividida em três fases: apresentação e contextualização da temática a ser trabalhada; confecção das peças; e observação direta. Após sete dias, foi enviado aos participantes via *e-mail* um formulário com o intuito de investigar a efetividade do espaço, como também da oficina e suas potencialidades frente às práticas pedagógicas.

A TÉCNICA DO ACORDELADO INDÍGENA

O surgimento da cerâmica indígena brasileira não possui uma datação exata, embora seja relativamente recente na história da humanidade. A fabricação de cerâmicas tem como objetivo produzir vasilhas, pratos e recipientes de diversos formatos e tamanhos, muitas vezes apresentando decoração plástica (tratamento da superfície através de algum objeto, conchas e/ou ossos, ou utilizando os dedos das mãos ou unhas) e pinturas. Sua realização é relativamente simples, o que contribui para sua presença frequente nos sítios arqueológicos. De acordo com Seda (2014), foi durante o período Formativo³ que se encontraram os primeiros sinais de horticultura em solo brasileiro, sendo caracterizado por dois elementos importantes: a horticultura e a cerâmica. Portanto, ambas coexistem marcando o período denominado de horticultores-ceramistas. Geralmente, a cerâmica é relacionada com as sociedades agrícolas e sedentárias, porém existem indícios em alguns locais demonstrando que esta antecede a agricultura.

Os grupos horticultores-ceramistas iniciam suas movimentações pelo território brasileiro, dando origem a diversas Tradições. As Tradições são classificações desenvolvidas por arqueólogos para agrupar estilos de elementos técnicos de produção que perduram ao longo do tempo. De acordo com Prous (1991), os ceramistas brasileiros podem ser agrupados em diversos grupos. Nas regiões Norte e Noroeste do estado do Rio de Janeiro, por exemplo, são encontradas as Tradições Tupiguarani (nacional) e Tradições Una (regional).

Nas Tradições Tupiguarani, supostamente originadas da Amazônia, existem cerâmicas com uma fabricação em bordas reforçadas e fundos redondos. Possuem decoração plástica (corrugado, ungulada e escovada) ou pintura policroma (vermelho e preto sobre o branco) com padrões geométricos (Seda, 2014). Utilizavam a cerâmica para cozinhar e produzir o cauim (bebida alcoólica fermentada proveniente da mandioca ou milho), mas passaram a compor a vida dos grupos indígenas em outras áreas, como a fabricação de enfeites, brinquedos e urnas funerárias. As urnas funerárias, em especial, não eram fabricadas de início para esta função, tendo como emprego inicial a fabricação do cauim e, posteriormente, sendo remanejada para o enterramento funerário.

As Tradições Una, originárias possivelmente também da Amazônia, expandem-se por todo o sudeste (Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás e Espírito Santo), bem como

existem há pelo menos dois milênios, demonstrando que suas manifestações não compõem um conjunto homogêneo (Prous, 1991, p. 333). Possuíam uma cerâmica pequena, bem feita e com cor escura, devido à queima sem contato com o oxigênio e eventualmente uma decoração plástica (Seda, 2014). Fabricavam diversos adornos e utilizavam a cerâmica também para enterrar seus mortos, porém com algumas diferenças apresentadas na Tradição Tupiguarani, incluindo a prática da cremação. Dessa forma, os grupos das Tradições Una e Tupiguarani, por mais que tenham sido originados na Amazônia, alastraram-se por diversas regiões brasileiras sendo encontrados também no Rio de Janeiro (Seda, 2014).

Os objetos cerâmicos produzidos por diferentes grupos indígenas que integram as Tradições compõem a chamada cultura material, correspondendo a tudo aquilo que o homem produziu, materializando seus comportamentos e atividades culturais. É por intermédio da cultura material que podem ser compreendidos e reconhecidos na contemporaneidade os múltiplos entendimentos culturais e tecnológicos que foram fabricados pelos diversos povos pretéritos.

Nos dias atuais, a sobrevivência de um entendimento milenar é configurada como um elemento importante para o fortalecimento das práticas pedagógicas e o (re)conhecimento dos sujeitos. Conforme argumentado por Miller (2002), o conceito de cultura é produzido a partir da interação entre os objetos e os sujeitos. Por isso, ter essa aproximação da técnica do acordelado dentro das salas de aula enfraquece o estigma frente aos grupos originários, ao mesmo tempo em que fortalece, no momento, o vínculo identitário dos diversos grupos étnicos brasileiros.

Como indicado por Lima (1987), a técnica do acordelado era aplicada nas funções dirigidas às mulheres adultas e casadas. O procedimento consiste na confecção de rolos de argila que são sobrepostos em uma base redonda, sendo esta fabricada a partir de uma esfera achatada. Os rolos devem circular toda a base, aplicados até atingir a altura desejada. O alargamento da circunferência da boca ocorre a partir do comprimento dos rolos.

Os rolos devem intercalar a sua união, para que a peça não se torne frágil. Torna-se necessário ainda acepilha-los para que a parede se torne uniforme. Após as etapas descritas, com a peça ainda úmida, há o tratamento da superfície por meio do polimento e da decoração plástica (poderiam ser feitas com a ponta dos dedos ou unhas; unglada, ou com a sobreposição do barro imitando as escamas de um jacaré; corrugada, e a escovada). Após a secagem total, a peça é queimada.

A descrição do procedimento acerca da fabricação de peças cerâmicas por meio da técnica do acordelado é necessária para a compreensão da abordagem adotada na oficina e expressa ao longo deste relato de experiência. Utilizar a técnica da oficina com professores/licenciandos permite, de acordo com Paviani (2009), a experimentação de situações concretas e significativas, como: o sentir > pegar > agir. Com finalidades pedagógicas, ocorre uma “apropriação, construção e produção de conhecimentos teóricos e práticos, de forma ativa e reflexiva” (p. 78).

A partir disso, o desenvolvimento da proposta foi separada em três fases:

1) Corresponde à seleção dos participantes do curso de Pedagogia da UENF, em formação ou formados por meio de um grupo no aplicativo de *WhatsApp*. Para a

II) captação de cada um deles, foi disponibilizado um *banner* e um formulário no *Google Forms*. De 30 (trinta) membros do grupo, somente 4 (quatro) participantes se inscreveram, sendo traçado o perfil deles:

Tabela 1 - Perfil dos participantes

Professora 1	Licenciada
Licencianda 2	1º período
Licencianda 3	6º período
Licenciando 4	7º período

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

III) Aplicação da oficina pedagógica de cerâmica com a técnica do acordelado com os participantes inscritos. Por intermédio da fabricação das peças, ocorreu uma contextualização e observação direta.

IV) Aplicação de um formulário final através do *Google Forms* após sete dias para averiguar as possíveis contribuições do Gabinete de Arqueologia e oficina.

SENSIBILIDADES E RESSIGNIFICAÇÕES

A Oficina do Acordelado

Pileggi (1985) afirma que a cerâmica retrata tanto a conjuntura social quanto econômica de cada sociedade, revelando suas vontades, desejos e inteligência. Ressalta-se também que a partir da própria cerâmica entramos em contato com as culturas indígenas, por seus próprios artefatos históricos, sem existir o olhar do outro, do europeu. Neste sentido, a oficina pedagógica ofertada dentro do Gabinete de Arqueologia buscou abordar durante a atividade, além da técnica do acordelado, uma contextualização, objetivando aos professores/licenciandos a compreensão da fabricação dos objetos, bem como o aprofundamento da temática da cultura dos povos indígenas.

No primeiro contato com os participantes, antes de ser iniciada a oficina, foram trabalhados alguns pontos para facilitar a compreensão sobre a importância social e cultural da cerâmica. Nisto, foi realizada uma contextualização, que evidenciava os seguintes pontos: i) quem foram os povos ceramistas; ii) a relação deles com a cultura material; iii) a cerâmica como patrimônio material e imaterial (o físico e a tradição); iv) como se dava o processo da cerâmica e a sua importância. Foi evidenciado aos participantes que não havia necessidade de copiar fielmente a base piloto (uma miniatura de uma urna funerária) apresentada para eles, mas que ressignificarem suas peças.

Após esta primeira fala, os participantes iniciaram a confecção da base e dos rolos. De início, todos concordaram dizendo que nunca tiveram contato com essa técnica, e que estavam encontrando dificuldades para manusear o barro, demonstrando estarem um pouco tímidos. Posteriormente, com o desenrolar da oficina, foram trazidos pontos importantes.

A fala da Professora 1 relata que:

Antes de entrar na Pedagogia, eu não sabia muito da cultura indígena. O que eu sabia era o que eu aprendi na escola e é basicamente nada. E aí, eu entrei achando que indígena era tipo, ficava lá na floresta, que eles não eram muito racionais. E com as disciplinas que eu tive, principalmente com uma professora, eu fui vendo que não era bem assim. E fui desconstruindo algumas coisas, que eles tinham e têm direito e aí eu fui gostando muito de falar das contribuições dos povos indígenas para a constituição do povo brasileiro. Acho que se fosse dar uma aula, não falaria somente da pesca, ir para esse lado da oficina. Por que eu não sabia que eles tinham essa capacidade de produzir isso (Professora 1, março de 2024).

Como evidenciado na fala da Professora 1, o estigma enraizado em nossas estruturas sociais com um ideal de indígenas “descaracterizados” e sem direitos sociais, advém em muitos casos de um discurso pedagógico, social e político não apoiado na diversidade indígena, desconsiderando o “direito dos povos indígenas de serem diferentes e de terem respeitadas suas práticas socioculturais, seus valores tradicionais e suas próprias visões de mundo” (Hilderbrand, 1996 *apud* Grupione, Vidal, Fischmann, 2001, p. 88).

Tal entendimento contribui para uma sociedade preconceituosa e discriminatória, calcada em ideais colonialistas. Não se pode solicitar respeito e valorização daquilo que se desconhece ou que é conhecido de forma adulterada e confusa. Para desestruturar ideais colonialistas, é preciso o reconhecimento dos erros aprendidos na própria instituição escolar (Souza, Wittmann, 2016). Com isso, a Lei n. 11.645/2008 funciona como um mecanismo essencial na luta contra os estigmas sobre os povos indígenas, que ainda se encontram presentes no imaginário educacional.

A Licencianda 3 acrescentou: “Desde 2008, temos uma lei que fala que deve ser ensinado nas escolas. Eu não aprendi, minha filha não aprendeu. Então a falha aí, tá onde?” Confirmando esta fala, Brighenti (2016) profere que deve existir a necessidade de maior regulamentação em relação à Lei n. 11.645/2008, particularmente sobre as obrigações legais das instituições de ensino. A efetividade em sua aplicação favorece a formação de espaços institucionais salútares e orientados ao diálogo comunitário, características essenciais na garantia de um ambiente democrático qualificado.

O Licenciando 4 concordou com ambas as participantes, e acrescentou que: “Não seria o Estado somente, e o município, mas também a Universidade. Promover formação continuada, porque quando tratado esse assunto, é superficialmente”. Nessa perspectiva, Imbernón (2010) enfatiza que a formação continuada de professores não deve ser compreendida como um mero aperfeiçoamento técnico. A formação deve estar alinhada à prática docente de modo a incidir tanto no processo individual de construção de conhecimentos do educador quanto no contexto escolar do qual é parte integrante.

A Professora 1, continua o diálogo, dizendo:

SOUZA, P. O. de, TEIXEIRA, S., RISCADO, J. E.

Eu utilizaria essa atividade para trazer essa noção de que eles tinham tecnologia. Que eles tinham sim, cultura, personalidade, e que contribuiu. Quando a gente pensa nessas coisas assim de objeto, panela, prato... essas coisas. Dá a impressão de que tudo vem da Europa. De que aqui não tinha capacidade de ser feito coisas assim. Entender que os indígenas fizeram é interessante também. Ao invés de fazer um chocalho, pinturas... Eu aplicaria uma oficina dessas para meus alunos entenderem que para além da tecnologia de hoje, de celular, existia essa também (Professora 1, março de 2024).

Já o Licenciando 4 mencionou que: "Trazer essa oficina para dentro da sala de aula é trabalhar o cognitivo. É importante, vai além do que é ensinado nos livros". Sacristán (1999) evidencia que todos os materiais pedagógicos, como os livros que são usados pelos docentes e alunos, são mediadores da cultura no ambiente escolar, pois é por intermédio deles que são apresentadas e representadas as culturas que se quer aprender. Por isso, ter novas práticas pedagógicas dentro da sala de aula, além do livro didático, fortalece a exaltação de culturas antes silenciadas ou subjugadas. Ao final da oficina, a experiência com o barro permitiu aos participantes um certo contentamento e surpresa, visto que haviam imaginado que não conseguiriam, por meio do acordelado, fabricar suas peças e ressignificá-las.

Imagem 1: Fabricação dos rolos e base



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Imagem 2: Estruturando os rolos



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Imagem 3: Alisando os rolos



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Imagem 4: Moldando



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Imagem 5: Dando forma à cerâmica



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Imagem 6: Peças finalizadas



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Os Formulários

Ao final da oficina, os participantes foram avisados que após sete dias um formulário no *Google Forms* seria transmitido via *e-mail* para que respondessem. O objetivo do formulário foi averiguar as possíveis contribuições que o espaço do Gabinete de Arqueologia e a oficina pedagógica ofertaram aos professores/licenciandos. Cinco perguntas foram feitas, e somente a Licencianda 2 não aprofundou suas considerações por estar ingressando na Universidade este ano. Os demais responderam de forma proveitosa o formulário. A seguir, a tabela com as perguntas selecionadas:

Tabela 2 – Perguntas do Formulário

Quais as contribuições que, em sua opinião, a oficina dentro do Gabinete trouxe para você enquanto pessoa?

Quais as contribuições, na sua perspectiva, que a oficina dentro do Gabinete trouxe para você enquanto professor?

Acredita ser possível desenvolver o que você aprendeu na oficina em seu estágio/aula?

Se sim, você acredita que essas atividades são adequadas para qual segmento da educação básica, ou seja, para qual público? Por que?

Ainda se sim, em quais momentos e de que forma você acha possível trabalhar esta técnica do acordelado dentro de suas aulas/estágio?

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Na pergunta 1 (um), temos:

Enquanto pessoa, para além de fomentar um lado com as artes e atividades manuais, que permitem um descobrir do processo e fomenta a visão estética, pude também compreender nuances da cultura indígena que até então não se encaixavam no estereótipo que havia criado acerca dos indígenas. Compreendê-los enquanto pessoas com tecnologias não era comum em meu imaginário (Professora 1, março de 2024).

Ficou evidente que a oficina pedagógica de cerâmica sobre o acordelado propiciou aos participantes uma nova visão acerca da cultura indígena. Desmistificar visões padronizadas, carregadas de estigmas e preconceitos contribui com o Objetivo 16 da ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável), visto que evidencia a promoção de comunidades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionando a justiça e a construção de instituições eficazes e inclusivas (Ods Brasil, 2022).

Na pergunta 2 (dois):

Enquanto professora, acredito que aumentou e diversificou o meu repertório de atividades lúdicas e significativas acerca da cultura indígena, como também proporcionou com que eu pensasse em novas estratégias para a abordagem de determinadas temáticas. Pois, como não tive muito contato com essas questões durante a graduação e as que tive foram somente com uma professora, não nos aprofundamos (Professora 1, março de 2024).

Vejo que aulas práticas são bem-vindas para uso em sala de aula. Então, isso aproxima, chama a atenção do aluno. Além de conectá-los com a cultura, com os povos originários e sua história. Até mesmo durante a oficina, dá para dialogar e deixar que se expressem, dando seus depoimentos, ponto de vista. Logo, enquanto professor, passa ser enriquecedora a oficina, pois há diversas perspectivas a serem trabalhadas em sala. Sem contar do

ponto de vista da formação continuada, do professor estar sempre se atualizando para oferecer o melhor ensino para seus educandos (Licenciando 4, março de 2024).

Como manifestado nas respostas acima, é relevante pensar em novas estratégias que vão além do livro didático. O desenvolvimento de uma atividade pelos professores/licenciandos que elenque questões sensoriais e psicomotoras, faz com que os educandos tenham a oportunidade de trabalhar de diferentes maneiras e formas. É necessária uma intervenção diferenciada do educador acerca da temática da diversidade cultural, promovendo subsídios para que seus alunos alcancem um movimento de ação e reflexão sobre a temática.

Como afirma Brighenti (2016), a instituição escolar é um espaço favorecido para o estabelecimento de diálogos, pois é um *locus* onde há a materialização da ciência. A inserção dos saberes indígenas denota mais do que expor a diversidade cultural, representando outras formas de significados, da multiplicidade dos conhecimentos, tradições e concepções de mundo dos grupos indígenas. Para a pergunta 3 (três) todos responderam que seria possível aplicar o que foi desenvolvido na oficina em seu estágio/aula. Isto se acontece principalmente por ser uma atividade que não demanda de muitos materiais e ferramentas. No lugar da faca sem ponta, por exemplo, pode ser utilizado palito de picolé.

A pergunta 4 (quatro), caracterizava uma continuação da pergunta anterior e indagava sobre se essa atividade era adequada para qual segmento da educação básica:

Vejo que cai muito bem para o Ensino Fundamental I (1º a 5º ano), pois é uma atividade que chama atenção, que os envolve e é muito rica/proveitosa. Mas, também acredito que pode ser usada no ensino Fundamental II, Médio e EJA, com um conteúdo mais aprofundado e aplicação da oficina prática (Licenciando 4, março de 2024).

Acredito que com crianças é possível trabalhar a convivência em família, o respeito e cooperação e com adultos, a cidadania e capacitação para o trabalho (Licenciando 3, março de 2024).

Acredito que para todos os segmentos, de maneira adequada as suas especificidades, tendo em vista que na educação infantil por exemplo, as atividades, brincadeiras e jogos são mais eficazes, desta maneira, para se falar sobre a cultura indígena nesta etapa é possível e melhor, em minha visão, que se faça a partir de uma atividade concreta, trabalhando a psicomotricidade, a coordenação motora e tudo mais. Já no ensino fundamental e ensino médio pode-se trabalhar por diversas perspectivas, e por meio da interdisciplinaridade também, podendo ser parceria com as aulas de História (seu fazeres e saberes), Artes (suas técnicas e estéticas), Literatura, Física (a respeito dos materiais que se utilizam e como se sustentam: queima, corrosão, dentre outros (Professora 1, março de 2024).

Os elementos citados acima revelam que após o contato dos professores/licenciandos com a oficina e o Gabinete de Arqueologia possibilitou uma reavaliação sobre a estruturação de suas atividades futuras, promovendo uma aprendizagem significativa para seus alunos. Os participantes indicaram o esforço em proporcionar o desenvolvimento da valorização e respeito da diversidade cultural e, ao mesmo tempo, trabalhar com questões como cidadania e capacidade para o trabalho em sala de aula.

A oficina despertou, para a Professora 1, a possibilidade de perpassar essa temática em outras áreas do currículo escolar, como ela mesmo relatou, quando não somente a História entraria em cena, mas as Artes, Literatura e Física.

Na pergunta 5 (cinco), os participantes responderam que:

No geral e de acordo com a visão das escolas, seria trabalhada no dia dos Povos Originários (ou Indígenas) 19/04. Em consonância com o calendário escolar, participando de eventos e exposição do material produzido. De que forma: a aula seria uma ambientação do assunto, com o que eles conhecem e posteriormente explicação (deixando a fala aberta para diálogo). Logo, aplicação da oficina em um momento de integração, mostrando a técnica do acordelado e que produzam suas próprias peças aplicando a técnica (Licenciando 4, março de 2024).

Eu trabalharia de maneira a aproveitar essa atividade ao máximo, nas aulas de História, nas datas voltadas para esta temática. E incluiria de maneira que fosse o centro de planos de aula. A partir de confecções como essas, podemos construir uma ponte entre um saber do passado com o presente, proporcionando para além de familiaridade e significância, mas alterando visões estereotipadas (Professora 1, março de 2024).

Acho possível encaixar em atividades de reconhecimento de habilidades do indivíduo e possibilidades de crescimento no segmento escolar, diminuindo a evasão e falta de interesse nos estudos (Licencianda 3, março de 2024).

É notório que a formação continuada e inicial deve possuir um contato mais direto com as temáticas indígenas e, conseqüentemente, com a Lei n. 11.645/2008, pois a sua implementação depende diretamente de uma adequada formação de professores. Edson Silva (2014) salienta que a formação para professores talvez seja um dos maiores desafios a ser enfrentado. Nisto, uma formação específica debruçada na cultura indígena deve ser idealizada para os cursos de licenciatura e para docentes em pleno exercício do magistério. Não basta exigir dos docentes, é necessário dar subsídios para que eles atinjam novas práticas pedagógicas e diversificadas no ambiente escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oficina pedagógica para a confecção de cerâmica com a técnica do acordelado indígena é uma metodologia de ensino que proporcionou diferentes tipos

de abordagens, permitindo uma ação e reflexão dos conteúdos trabalhados. Foi evidente que, ao ser trabalhada dentro de um espaço que contém artefatos provenientes de culturas indígenas, propiciou entre os participantes a compreensão dessa cultura material e dos sujeitos que a fabricavam – os chamados ceramistas. Pode-se explorar o entendimento destes povos e, ao mesmo tempo, estimular a formação inicial e continuada, interdisciplinaridade, cidadania e cooperação.

Dessa forma, oportunizar aos professores/licenciandos de Pedagogia da UENF uma oficina de cerâmica dentro do Gabinete de Arqueologia significa viabilizar um processo dinâmico de conhecimento e prática. Ao longo da atividade os participantes foram capazes de examinar a sua formação inicial e/ou continuada e sua *práxis*, onde em alguns momentos, conseguiram avaliar suas próprias opiniões, antes carregadas de estigmas. Com isso, o exercício deve ser constante para que se inicie um movimento em que a educação caminhe por estradas mais afetivas, multiculturais e acessíveis, tornando a Lei n. 11.645/2008 não mais como obrigatoriedade, mas uma responsabilidade de todos.

Artigo recebido em: 22/05/2024

Aprovado para publicação em: 11/09/2024

THE USE OF THE INDIGENOUS AGREEMENT TECHNIQUE IN SENSITIVE LEARNING PROCESSES: THE EXPERIENCE OF THE OFFICE OF ARCHAEOLOGY/UENF

ABSTRACT: The present work reports the processes of creation, execution and evaluation of the pedagogical workshop for the production of ceramics by indigenous peoples using the chordal technique, held in March 2024, within the Archeology Office located at the Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), Campos dos Goytacazes/RJ. In addition to stimulating discussions on the topic, it sought to encourage new pedagogical practices and diversify approaches in the school environment in the early years of Elementary School. Thus, this is a report on the experience of the workshop developed with teachers and Pedagogy graduates (UENF), using direct observation and the application of a form with the participants at the end of the activity. Through data analysis, it was possible to observe the effectiveness of that space in proposing pedagogical practices that are more attentive to the needs of current educational environments.

KEYWORDS: Indigenous Culture; Material Culture; Law 11.645/2008; Continuing Training.

SOUZA, P. O. de; TEIXEIRA, S.; RISCADO, J. E.

EL USO DE LA TÉCNICA DEL ACORDELADO INDÍGENA EN PROCESOS DE APRENDIZAJE SENSIBLES: LA EXPERIENCIA DE LA OFICINA DE ARQUEOLOGÍA/UENF

RESUMEN: El presente trabajo reporta los procesos de creación, ejecución y evaluación del taller pedagógico para la producción de cerámica por parte de pueblos indígenas mediante la técnica cordal, realizado en marzo de 2024, dentro de la Oficina de Arqueología ubicada en la Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), Campos dos Goytacazes/RJ. Además de estimular el debate sobre el tema, buscó incentivar nuevas prácticas pedagógicas y diversificar enfoques en el ambiente escolar en los primeros años de la Escuela Primaria. Así, se trata de un relato de la experiencia del taller desarrollado con docentes y egresados de Pedagogía (UENF), utilizando la observación directa y la aplicación de un formulario con los participantes al final de la actividad. A través del análisis de datos, fue posible observar la efectividad de ese espacio al proponer prácticas pedagógicas más atentas a las necesidades de los entornos educativos actuales.

PALABRAS CLAVE: Cultura Indígena; Cultura Material; Ley 11.645/2008; Formación Continua.

NOTAS

1 - O grupo de pesquisa Oficina de Estudos do Patrimônio Cultural, está vinculado ao Laboratório de Estudos do Espaço Antrópico/LEEA e ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais/PPGPS da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro/UENF e tem atuado na pesquisa, na divulgação e na incidência política no campo das políticas culturais, especialmente no campo do patrimônio cultural nos últimos 20 anos, sendo coordenado pela profa. Simone Teixeira.

2 - A Lei nº 11.645/2008 inclui no currículo oficial obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".

3 - De acordo com André Prous (1991) com base em Willey e Phillips (1958), o Período Formativo corresponde aos primeiros agrupamentos de agricultores, usualmente detentores de cerâmica.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Leonardo Waisman de; SCHEEL-YBERT, Rita. Histórias em diálogo no ensino escolar: contribuições possíveis da arqueologia brasileira. **Revista Arqueologia Pública**, v. 16, n. 2, p. 140-158, 2021.

BRIGHENTI, Clovis Antonio. Colonialidade e decolonialidade no ensino da História e Cultura indígena In: SOUZA, Fábio Feltrin de. WITTMANN, Luisa Tombini (Organizadores). **Protagonismo indígena na história**. Tubarão, SC: Copiart; [Erechim, RS]: UFFS. (Educação para as relações étnico- raciais; v. 4), 2016.

CÂNDIDO, Maria Inez. Documentação museológica. **Caderno de diretrizes museológicas**, v. 1, n. 2, p. 31-90, 2006.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi; VIDAL, Lux Boelitz; FISCHMANN, Roseli. **Povos indígenas e tolerância: construindo práticas de respeito e solidariedade**. Edusp, 2001.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação continuada de professores**. Artmed Editora, 2010.

JACOBUCCI, Daniela Franco Carvalho. Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica. **Revista em extensão**, v. 7, n. 1, 2008.

LIMA, Tânia Andrade. **Cerâmica indígena brasileira. Suma Etnológica-tecnologia indígena**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1987.

MILLER, Daniel. **Artefatos e o significado das coisas**. In: Enciclopédia Companheira de Antropologia. Routledge, 2002. p. 430-453.

ODS BRASIL. **Indicadores Brasileiros para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. Brasília, 2022. Disponível em: <https://odsbrasil.gov.br>. Acesso em: 28 março 2024.

PAVIANI, Neires Maria Soldatelli. Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência. **Conjectura: filosofia e educação**, v. 14, n. 2, 2009.

PEREIRA, Daiane. Extroversão do patrimônio arqueológico salvaguardado: reserva técnica do laboratório de arqueologia Peter Hilbert. **Revista Arqueologia Pública**, Campinas, SP, v. 11, n. 2[19], p. 66-82, 2017. DOI: 10.20396/rap.v11i2.8650061. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rap/article/view/8650061>. Acesso em: 11 set. 2024.

PILEGGI, Aristides. **Cerâmica no Brasil e no Mundo**. SP: Livraria Martins Editora, 1958.

PROUS, André. **Arqueologia brasileira**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1991.

SACRISTÁN, José Gemeno. Currículo e diversidade cultural. In: SILVA, Tomaz Tadeus da; MOREIRA, Antonio Flavio (Orgs.). **Territórios contestados**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

SCHIAVETTO, Solange Nunes de Oliveira; BERNARDES, Adonias Santos; CARVALHO, Thaís Ronsini de. Paulo Freire e arqueologia: uma experiência da abordagem da diversidade cultural em contextos escolares. **Revista Arqueologia Pública**, Campinas, SP, v. 16, n. 2, p. 23-40, 2021. DOI: 10.20396/rap.v16i2.8666234. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rap/article/view/8666234>. Acesso em: 11 set. 2024.

SOUZA, P. O. de; TEIXEIRA, S.; RISCADO, J. E.

SCHINDHELM, Virginia Georg; BAMPI, Maria Luisa Furlin. Saberes culturais e práticas pedagógicas na educação infantil: contribuições para a formação docente. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, v. 16, n. 3, p. e3608-e3608, 2024. Disponível em: <https://ojs.europublications.com/ojs/index.php/ced/article/view/3608>. Acesso em: 11 sep. 2024.

SEDA, Paulo. Espaço e tempo nas sociedades primitivas: as Tradições Una e Tupiguarani no Rio de Janeiro Pré-Colonial. PEREIRA, Silva Dias *et al.* **Formação e ocupação de litorais nas margens do Atlântico-Brasil/Portugal**. Rio de Janeiro: Corbã, 2014.

SILVA, Edson. Ensino e sociodiversidades indígenas: possibilidades, desafios e impasses a partir da Lei 11.645/2008. **Mneme-Revista de Humanidades**, v. 15, n. 35, p. 21-37, 2014.

SOUZA, Fábio Feltrin de. WITTMANN, Luisa Tombini (Organizadores). **Protagonismo indígena na história**. Tubarão, SC: Copiart; [Erechim, RS]: UFFS. (Educação para as relações étnico- raciais; v. 4), 2016.

TEIXEIRA, Ana Karen Rosado; CAMPOS, Juliano Bitencourt; VOLPATO, Gildo; SANTOS, Marcos César Pereira. Educação patrimonial e processo pedagógico: dialogando com Paulo Freire e aprendendo com os povos indígenas. **Revista Arqueologia Pública**, Campinas, SP, v. 16, n. 2, p. 84–103, 2021. DOI: 10.20396/rap.v16i2.8666583. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rap/article/view/8666583>. Acesso em: 11 set. 2024.

PAULA OLIVEIRA DE SOUZA: Professora de História pelas Faculdades Integradas Simonsen (FIS), Especialista em História do Brasil pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), Especialista em Práticas Educacionais na Docência no século XXI pelo Instituto Federal Fluminense (IFF) e Mestranda em Políticas Sociais pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Membro do Gabinete de Arqueologia (UENF).

Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-4061-6551>

E-mail: paulasouzahist@gmail.com

SIMONNE TEIXEIRA: Doutora em Filosofia e Letras (História) - Universitat Autònoma de Barcelona, Pós-doutorado pela Escuela de Estudios Hispano-Americanos/CSIC, graduação em História pela Universidade Federal de Alagoas. Docente e pesquisadora da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro no Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais/UENF e no Programa de Pós-Graduação em Ciências Naturais/UENF.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2476-8247>

E-mail: simonne@uenf.com

JÚLIA ERMÍNIA RISCADO: Pesquisadora bolsista de Pós-Doutorado em Políticas Sociais (PPGPS/UENF) contemplada pelo edital "FAPERJ N 17/2022 - Programa Pós-

Doutorado Nota 10". Doutora em Ciência Política pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Mestrado em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e graduada em História pela Universidade Federal Fluminense, (UFF). Integra o Grupo de Pesquisa CNPq Oficina de Estudos do Patrimônio Cultural e o Observatório do Patrimônio Cultural de Campos.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0840-0856>

E-mail: julia_riscado@yahoo.com.br

Este periódico utiliza a licença *Creative Commons Attribution 4.0*, para periódicos de acesso aberto (*Open Archives Initiative - OAI*).